

EUCLIDES DA CUNHA: VISÕES E ESCRITAS DO SERTÃO

Francisca Diana P. de Farias¹

A gênese do pensamento euclidiano

“Qualquer pessoa que examine o mundo ao redor de si, é, de algum modo um geógrafo” (David Lowenthal).

Somos sujeitos pensantes, capazes de refletir e agir, formular idéias e concepções que versem acerca da nossa realidade. Sendo nós, possuidores de um capital cognitivo e intelectual podemos provocar interferências substanciais se não na sociedade, mas sobretudo no modo como atuamos no conjunto social. Conhecer é próprio da condição humana e todo conhecimento deve nos convidar a sairmos da “nostalgia”, provocar inquietações, para que possamos abrir fendas e construir novos caminhos a luz do conhecimento. Movido por este sentimento, foi que o jovem Euclides da Cunha dedicou uma vasta produção científica em favor da sociedade brasileira. Para Euclides através do conhecimento científico o Brasil poderia sair do “caos” social no qual se via mergulhado.

A cada tempo histórico, produzimos e somos “produto” da realidade sócio-cultural no qual estamos intrinsecamente ligados. Neste sentido, buscar compreender e analisar *Os Sertões* pela ótica da geografia, é um desafio que não se esgota na obra em si, mas que requer de nós, o exercício de buscar idéias que fomentaram sua produção. Ancorado no cientificismo do século XIX Euclides propunha compreender o Brasil em seu multiforme conjunto.

Para Euclides a sociedade brasileira sofria de uma indigência científica e intelectual, que segundo ele, seriam os enclaves ao advento da modernidade por ele almejada. A estagnação social e cultural, as idéias arcaicas e aristocráticas eram vistas como heranças do Brasil colonial, e deviam ser banidos para atingirmos *status* e independência seja na esfera política e científica. Para alcançar tais desejos, a ciência foi concebida como o canal por

¹ Mestranda do programa de pós-graduação em geografia da universidade Federal do Rio Grande do Norte

onde fluiria o desenvolvimento capaz de minimizar as mazelas sociais que assolavam o país. Para tanto, o próprio Euclides se incumbiu de realizar sistematicamente estudos que abrangiam as questões de cunho populacional e territoriais. Embora tenha sido a publicação de *Os Sertões* que tenha projetado o autor no cenário literário, é importante ressaltar sua vasta produção pré-canudense, tais como: *Contrastes e Confrontos* (1907), *A margem da História* (1909) e *Peru versus Bolívia* (1907), todas essas obras trazem um profundo saber acerca do Brasil ultrapassando o caráter regionalista no qual se inseriam.

O final do século XVIII e início do século XIX foi cenário de significativas transformações ideológicas. Período que se caracterizou pela crença na ciência e na busca pelo saber. Euclides se deixou seduzir por este clima de transformações ideológicas e em seus artigos de época, quis evidenciar tal filiação ao declarar-se enquanto positivista liberal. Escreveu também poesias e artigos exaltando a Revolução Francesa e reclamando a emergência republicana.

É importante chamarmos atenção ao fato de ser a Europa nesse momento histórico o centro difusor das idéias sócio-políticas. Desse modo, os pensadores do Brasil capitalizaram esses ideais canalizando-os para a realidade aqui vivenciada. Intelectuais, escritores, dentre esses Euclides, sobretudo cariocas, em discutiam temáticas relacionadas à política, economia e sociedade. Demonstrando o desejo em transformar a nossa nação nos moldes europeus e científicos. Segundo SEVCENKO:

“a atualização da sociedade com o modo de vida promanado da Europa, a modernização das estruturas da nação, com a sua devida integração na grande unidade internacional e a elevação do nível cultural e material da população”. (SEVCENKO, 1999, p. 79)

Nos lançamos no “universo” Euclidiano, retornarmos a seu tempo para identificarmos as correntes teórico-filosóficas que mediaram suas ações e visões de mundo. É possível afirmar que Euclides transitou por influências românticas e racionalistas, construindo uma cadeia de pensar moderna, posto que buscava a objetividade dos fatos e uma lógica que os explicasse. Sem romper em definitivo com um saber que permitia entender o mundo por meio dos sentimentos e das relações com o indivíduo.

Não é possível passar despercebida a diversidade temática tratada por Euclides em seus textos. Movimentos históricos, transformações sociais, relações sociais, econômicas e

políticas, análise geológica, descrições geográficas e comentários historiográficos, são todos tratados com profundo realismo, desse aspecto Euclides se distancia de seus contrastes, visto que a literatura européia e brasileira até então produzida estava enredada pela ficção, e não se ocupava em tratar a realidade política e social do Brasil.

O autor “entendia a literatura como a missão de complementar e transmitir artisticamente a ”ciência positivista” da nossa terra e gente”. (ANDRADE, 2000, p. 01). Somada a sólida crença científica que conduz o autor a realizar obras cujo drama se encena no próprio contexto histórico no qual estava encerrado. Em seus textos sempre deixou manifesta sua paixão telúrica ao declarar-se “filho da terra” permaneceu fiel às origens interioranas e não se esquivava em apresentar-se como “caboclo”.

Essa afinidade com a terra bem como sua formação acadêmica², forneceram subsídios para que este pudesse tratar com pertinência técnica as questões que dizem respeito ao meio físico. Todo esse conhecimento o possibilitou atuar como engenheiro da superintendência do Estado de São Paulo, realizando estudos por todo o interior paulista. Realizou estudos de reconhecimento do território do Amazonas e Acre. Prestou serviços como cartógrafo do Itamaraty resultando na elaboração de inúmeros mapas. Euclides desejava tornar-se um verdadeiro desbravador das terras brasileiras, daí o afeiçoamento a ela.

Sem a pretensão em reduzir a importância de seus trabalhos anteriores a fase canudense, sem dúvidas foi em sua missão como correspondente da guerra de Canudos pelo jornal *O Estado de São Paulo* que Euclides demonstrou seu profundo saber sobre a terra. Prova disso foi a culminância de seu trabalho em *Os Sertões* considerado como verdadeiro dossiê do sertão brasileiro.

Trilhando as linhas do pensamento euclidiano podemos construir uma ponte entre sua postura científica e a de Alexander Von Humboldt, considerado pelos historiadores da geografia o a estabelecer metodologicamente a esta ciência, os padrões de modernidade. Mas somos convidados a analisar suas ideais, sobretudo pela capacidade que demonstrou em integrar um conhecimento se insere no campo da modernidade sem promover uma ruptura com as tradições. Em sua obra Humboldt conciliou a tradição das narrativas de viagens, caracterizadas pela observação direta e as descrições detalhadas, com uma nova

² Euclides obteve formação acadêmica na área de engenharia civil.

característica metodológica, ao relacionar os elementos do meio físico com a sociedade. Marcada pela dualidade, sua obra obteve influências da filosofia romântica e da racionalidade lógica.

A geografia proposta por Humboldt busca contemplar uma reflexão sobre o homem e a natureza ambos vistos pela ótica da interrelação. Compreendeu o geógrafo como um sujeito admirador e curioso cujo olhar é capaz de captar as mais diversas formas e sentidos dispostos no espaço. Aproximando sua atitude a narrativa feita por Euclides em meio ao Sertão é possível enxergar que este também buscou realizar uma descrição espacial em que conectou as relações homem/natureza. Ancorado em mecanismos científicos acreditou que seria possível conhecer a verdadeira dinâmica que permeava o Sertão.

Sabemos que Euclides não obteve uma formação de geógrafo, o que não o impediu de se apropriar desse conhecimento, tornando-se um grande conhecedor das correntes teóricas e epistemológicas que alicerçam a geografia. Em toda a coletânea de seus textos podemos fazer um entrecruzamento entre seu pensamento e o próprio saber geográfico. O espaço objeto desta ciência, não se deixa definir por uma única cadeia explicativa, é preciso aceitar a sua multiplicidade e desvendar novos caminhos sem preocupasse com filiações teórico-metodológicas pré-estabelecidas.

Toda a produção euclidiana está centrada em um enredo de cunho histórico e espacial, sendo assim, ela é para nós um conhecimento plural, possível de diversos olhares e apropriações que permite-nos perpassar os “muros” de uma ciência específica, tecendo um conhecimento que é histórico, geográfico, social e literário.

Certamente essa inegável arte de aglutinar diferentes perspectivas do conhecimento, deve-se a sua postura que não permitia definições precisas quanto às idéias que mediaram sua produção e visão de mundo. Euclides possuía igualmente vivos em si, dois mundos, o século XIX, caracterizado como literário, romântico e idealista e o século XX, científico, naturalista e materialista.

SEVSENKO (1999) ao definir a obra euclidiana afirma que esta era a :

“síntese entre literatura e ciência, combinação de estéticas, cruzamento de gêneros, oposição de estilos, sua obra parece ressurdar tensões por inteiro. Ela é composta estruturalmente de camadas heterogêneas dispare e mesmo incompatíveis, armadas numa clivagem cujo ténue equilíbrio repousa sobre a solidez das certezas transcendentais do autor”. (p. 135)

Tal paradoxismo é facilmente identificado em sua escrita, marcada pelos contrastes e antíteses. No entanto de forma muito hábil, esses antagonismos não desestruturam a organização do pensamento do autor, mas lhe serve de estratégia para focar de modo mais incisivo as questões que lhe são propostas.

Querer entender Euclides é um exercício cujo resultado rebate em um outro questionamento, muito mais complexo e amplo, que diz respeito a nossa própria estrutura de pensar. Bem mais que isso, ao modo como a ciência dita moderna, ou pós-moderna vem tratando as problemáticas que lhe são propostas. Vimos que Euclides enquanto um profundo pensador de sua época investiu-se de uma postura característica de seu tempo, de modo que podemos identificá-lo como republicano, positivista, evolucionista e algumas outras correntes de pensamento que orientaram sua educação enquanto “cientista social”. No entanto Euclides mantinha vivo em si, o espírito literário, por muitas vezes de um romântico do século XIX. *A priori* nos parece paradoxal, como dois tempos estilísticos, opostos pela própria raiz identitária, pode conviver e conectar-se as idéias desse autor. Verdade é, que toda a obra de Euclides encontra-se articula em um conjunto multidimensional, que permite ser entendida sob o prisma de uma variedade de sentidos. Sendo Euclides alguém que dispunha de um saber que estava alicerçado com o contexto sócio-cultural de sua época, este pode ser considerado cosmopolita enquanto intelectual, seja no campo da história, pelos conhecimentos telúricos, da política nacional e internacional, Euclides lançara olhares, constituía idéias. Para além dos sentidos no qual suas idéias se inserem, o que estamos sendo chamados a refletir, diz respeito a capacidade de tecer uma rede de pensar, cujos fios possuem matérias tão diversas, e quanto mais se engendram mais tornar-se resistentes com o contexto que o sustenta. Como chama a atenção SEVSENKO (1999),

“a sua obra distribui-se em cinco gêneros: historiografia, geografia, crônica, epistolografia e poesia, versadas todas em estreito consórcio com comentários científicos. Raramente Euclides praticou alguns deles em estado puro, optando também aqui preferivelmente por uma combinação das formas”. (p. 134)

Esse jogo híbrido de estilo assumido por Euclides, convoca-nos a repensar a racionalidade metodológica da ciência moderna, que prima pelo uso de regras claras e objetivas, positivista e normativa acredita na possibilidade de afirmar proposições dentro de uma linguagem lógica e precisa. Contudo a perspectiva euclidiana nos convida a refletir como a ciência elabora discursos capazes de tratar a realidade. No cerne na própria ciência um outro discurso emergiu, aquele que nega o universalismo e a generalização premissa da modernidade, passando assim a valorizar as singularidades, o sentimento e a particularidade dos fatos. Em torno desses pólos epistemológicos, e analisando o olhar euclidiano ao adentrar no sertão encontramos o caminho da dialógica entre diferentes vertentes que possam dar conta de ler o espaço em seu multiforme conjunto.

Euclides optou em não aderir a uma postura estilística, sua atitude é por nós e por nos entendida como uma opção do autor em transitar entre os diferentes gêneros, mas, sobretudo de conceber visões distintas que melhor interpretasse a realidade de sua narrativa pelo sertão.

Ingressamos no universo euclidiano, no desejo de conhecer suas inquietações e o que as alimentavam sua percepção individual e coletiva, fruto de uma dada realidade sócio-cultural vivenciada por esse autor. Sua escrita é um dos produtos dessa relação que envolve elementos da esfera social, política, cultural e intelectual a conjugação desses elementos corresponde a sua visão de mundo e como este ler e o interpreta. *Os Sertões* objeto de nossa análise, revela a experiência do autor em meio ao sertão brasileiro, cenário da Guerra de Canudos, um dos fatos que mais marcou e denunciou a realidade brasileira vivenciada em meados do século XIX. *Os Sertões* produto dos relatos do autor acerca desse fato, tornou-se não só o registro oficial desse acontecimento como também, do espaço sertanejo.

Neste contexto, objetivamos “entender” Euclides a fim de compreender o significado que ele quis dar a esse espaço por meio de sua escrita. No mais, devemos considerar que “cada visão particular do mundo é única, para começar porque cada pessoa escolhe e reage ao meio de maneira diferente”.(CHRISTOFOLETTI, 1985, p.134). A travessia feita por Euclides em meio ao sertão foi guiada por sua percepção, que filtra e seleciona as imagens dispostas nesse espaço, e as transforma em linguagem, imagens que se dão no universo do real e imaginário. Podemos então fazer uma ponte com a discussão que se segue.

Paisagem: a geografia na escrita do *sertão* Euclidiano

O geógrafo tem como dispositivo para ler a paisagem o olhar. É preciso “abrir os olhos e ver”, ver o que arquetipamente constitui esse quadro que se expõe ao nosso olhar, são cores, formas, estilos, em que o grande e o pequeno, o novo e o velho, vão se interceptado para construir a arquitetura do espaço. Para além do olhar é preciso sentir, os cheiros, odores, ouvir a polifonia e o silêncio que ecoa do espaço, que expressa e dão sentido a experiência dos sujeitos para com o mundo. Querer entender a paisagem é ousar lança-se em meio a ela, por quê.

“a paisagem se deixa ver, além do simples pitoresco, na ordem própria da visibilidade que a paisagem oferece. O ser humano, ao situa-se nela visualmente, nela descobre as dimensões do seu ser”. (BESSE, 2006. p.92)

A interpretação da paisagem requer que adentremos em suas veredas, para permitir aos nossos sentidos experimentá-la assim podemos conhecer tudo aquilo que está para além do nosso olhar. Entendida como a escrita do homem no espaço, a paisagem conta à experiência dos sujeitos com a Terra, sendo ela mesma, resultado e testemunha dessa experiência. Traduz sonhos, valores, desejos e aspirações dos homens, que são projetados na natureza.

Por um lado somos seduzidos pela paisagem, ela é um muro que separa o “eu” e o “outro” dois mundos que não se vêem além da estranheza que cada um representa. Por outro, tudo aquilo que nos é estranhamento é o que nos atrai, nos convida a ultrapassar esse muro e ver, sentir e decodificar o que nos parece guardar o sentido que a paisagem quer revelar. Ao entrar nesse “novo mundo” nossos sentidos são acionados ao passo que adentramos, nossa capacidade perceptiva é estimulada levando-nos a perceber o espaço, para além do simples sentido real que a ela atribuímos. Para KEARNEY a imaginação desempenha:

um papel simbólico, capturando dados sensórias sem reproduzi-los como imagens miméticas e “metamorfoseando-os” através de sua capacidade metafórica de gerar novos sentidos. (1991, p.137, APUD COSGROVE).

Entrar na paisagem é estimular a imaginação transformá-la, atribuindo novos sentidos. Todas as transformações materiais se dão primeiramente no âmbito do imaginário, que liberta a criação humana e reforça a cultura, pois cria signos, próprios da condição humana.

Conscientes de que cada indivíduo constrói suas representações reais e imaginárias acerca da paisagem, é preciso considerar a visão de mundo de cada um, como também a visão coletiva. Os valores, as crenças, a linguagem, e tudo que se insere no cenário cultural, são elementos que interfere nas “metamorfozes” que submetemos o espaço/paisagem.

A experiência primeira de Euclides com a paisagem do sertão revela, um forte estranhamento diante de um espaço na qual ele pretende se colocar apenas como observador/narrador do episódio de Canudos. Assim o autor limita-se a descrever essa paisagem, transformando em linguagem impessoal sobre suas primeiras impressões daquele lugar.

“Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e o estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas imutável no aspecto desolador: árvores sem folhas, de galhos retorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rigidamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante. (CUNHA, 2002, p.35)”.

Deparando-se diante de um cenário paisagístico extremamente peculiar aos demais por Euclides outrora percorrido, ela se ver “estarecido” diante de tal feição, transferindo para sua escrita às impressões que capta, e o fez com uma composição lingüística que entrelaça as características da vegetação da caatinga, e uma espécie de poética.

A sociedade brasileira buscava na época uma nacionalidade que caracterizasse a singularidade dessa terra, assim o sertão bem como os homens sertanejos passaram a serem vistos como a verdadeira representação do Brasil, segundo os intelectuais engajados no movimento nacionalista, o sertão era livre das influências estrangeiras sendo, portanto o único espaço de fato nacional. Partindo desta idéia, era preciso conhecer esse “Brasil”

adentrar o sertão e guiados pelo saber científico desvendar sua natureza física e social. Euclides foi um dos pioneiros a construir uma produção sobre este espaço. Daí por que o autor desejava nos molde da ciência interpretar o sertão.

O conhecimento telúrico acumulado por Euclides a partir de sua formação como engenheiro, bem como de estudos, o revelou como um “conhedor das terras brasileiras”, somando a perspectiva da ciência positivista e objetiva, que o influenciava, foram responsáveis pela pertinente, descrição que o autor realizou acerca das características hedafoclimáticas do sertão.

Ajusta-se ao sertão o cautério das secas; esterelizam-se ao ares urentes; empedra-se o chão, gretando, ressecando... a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos. Os napaleas e cactos, nativas em toda parte, entram na categoria das fontes vegetais de Saint-Hilaire, típicos clássicos da flora deserta. (CUNHA, 2006, p.36).

Vê-se aí, o uso dos termos científicos que ele recorre fazendo alusão a áreas de desertos na tentativa de construir um quadro explicativo para a paisagem. A necessidade de recorrer à explicação é uma das principais características da ciência positivista, que também o autor recorre.

Assumindo sua postura de observador/cientista, Euclides fez uso de todo seu conhecimento ao classificar as inúmeras espécies vegetais típicas do sertão. Bem como a formação geológica e toda fisiologia desse espaço. Decerto Euclides conseguiu cumprir seu papel elevando sua obra a um patamar de cientificidade.

A despeito da leitura das condições físicas do sertão, está vinculada a proposição de um Euclides extremamente positivista e racional, a paisagem por ele descrita o aproxima, da imensidão do desconhecido, paulatinamente despindo-o da roupagem de um observador, isento aos sentido que a paisagem sertaneja era capaz de despertar em si. O que Vernaide e Eugênia Menezes chamou de “batalha surda” essa contradição entre o cientista e o homem que se vê seduzido e impressionado pelo sertão abrindo-se uma fenda por onde começara a fluir um sentimento de afeto, capaz de fazê-lo enxergar os signos, e as potencialidades do sertão que mergulhando nas intempéries físicas da natureza, a ultrapasse.

Toda paisagem é capaz de produzir reações nos indivíduos que a olham, bem mais naquele que a experimenta. Assim ao embrenha-se no âmago do sertão, Euclides encontra-se diante do conflito, pois aquela paisagem começava a transforma-se no cenário da sua imaginação e sentidos.

Ao discorrer sobre a problemática das secas, ressalta a necessidade de conhecer a conjuntura dos elementos físicos que correspondem ao perfil climático do sertão. Compreender que este espaço resguarda peculiaridades que precisam ser conhecidas o autor abre margem para interpretação de que o sertão é uma incógnita, sendo assim não pode ser entendido *a priori*. Ao sentir-se tocado transpõe para sua escrita à saga das secas.

“ Estas agitações dos ares desaparecem, entretanto, por longos meses reinando calmarias pesadas, ares imóveis sob a placidez luminosa dos dias causticantes. Imperceptíveis exercem-se, então, as correntes ascensionais dos vapores aquecidos sugando à terra a umidade exígua e quando se prolongam, esboçando o prelúdio entristecedor da seca..”.(CUNHA 2002, P26)

A seca enquanto esse fenômeno que castiga, homem e terra, é um dos inúmeros aspectos que atrai Euclides em sua travessia pelo o sertão.

A vivência como espaço revela surpresas que transcendem nossas expectativas, que por vezes não condizem com o que esperávamos enxergar. Conhecer e re-conhecer um sertão mutável, testemunhar que do chão ressequido, como um “milagre” transforma-se ao chegar a chuva, a paisagem cinzenta, depreciada dá lugar a exuberância das formas, cores e perfumes que brotam do sertão.

“Ao tornar a travessia o viajante, pasmo, não ver mais o deserto. Sobre o solo, que as Amarilis atapeta, ressurgem triunfalmente a flora tropical. É uma mutação de apoteose” (CUNHA, 2002,P 33.)

O fragmento revela o quanto o autor deslumbra-se diante da capacidade de renascer da natureza, e acrescenta:

“sem excetuar uma única, no perfuma suavíssimo das flores, anteparos intácteis que nas noites frias sobre elas se alevantam e se arqueiam obstando a que sofram de chofre as quedas de temperatura, tenda invisíveis e encantadoras, resguardando-as...” (CUNHA, 2002, p. 36.)

As travessias Euclidianas novos horizontes foram avistados. Guiado pelo o sentimento de estranhamento e inquietação, quis Euclides adentrar o sertão, e a cada passo transpassava o muro erguido em si, cuja, argamassa fortalecia as idéias, teses e certezas acerca do que é o sertão.

No limiar da paisagem, vivenciar seus limites o fez enxergar além do visível, assim o muro das velhas certezas começou a conrroe-se, a tal ponto, que já não podia mais classificar o sertão, visto que diante de sua experiência ele não era tão simples.

Ao tratar da terra primeira parte da sua obra, encontramos um Euclides revelando seu *status* de cientista, que diante do seu objeto de estudo classifica as espécies vegetais, morfológicas, busca por meio de explicações científicas entender o clima e o porque das secas.

Para além da postura paradigmática, encontramos Euclides que se deixa envolver pela paisagem, e capta para a sua leitura as sensações, experiência, aprecia o que outrora parecia repulsa, agora é um convite a beleza. Como lembra CLAVAL (1997, p.93):

“o homem apreende o mundo através dos seus sentidos: ele observa as formas,escuta os barulhos e sentem os odores daquilo que o envolve.Os movimentos do seu corpo constituem uma experiência direta do espaço “.

Diante do espaço/paisagem os sentidos não se calam, mas emanam novas significações e imagens.Toda leitura do espaço que se pretende real, não pode furta-se aos sentidos, pois estes sim, revelam um mundo desconhecido. Foi por meio dessa experiência com o espaço, que Euclides percebeu que o sertão continha belezas, sentiu o perfume e a suavidade da flora sertaneja.

A despeito das interpretações da obra Euclidiana convergirem para uma leitura baseada no viés determinista geográfico, nosso desafio esteve apontando em encontrar no mundo desse autor novos caminhos, que permitisse-nos olhar sua obra e nos meandros de sua escrita, encontrar um outro sertão.

A primeira parte da obra Euclidiana *a terra* objeto de nossa análise, cujas interpretações apontam para uma leitura geograficamente determinista, e na perspectiva de alguns analistas este ter sido o que norteou a leitura Euclidiana em sua viagem pelo o sertão. Fomos levados ao entendimento que diante da complexidade que envolve sua atuação enquanto um intelectual de sua época é difícil classificar sua obra em uma única corrente interpretativa.

O jogo lingüístico da escrita Euclidiana é marcado pelo dualismo, antítese e ambigüidades, que transmitem ao analista/leitor a profunda experiência do universo paisagístico do sertão, em que ciência e percepção, objetividades e subjetividades, constituem arranjo discursivo, passível de varias apropriações, e que não se deixa entender

sob uma linha de pensar, mas abri caminhos. Tal como o próprio sertão que não se deixa entender pelo único olhar.

Parafraseando Euclides *O sertão é um paraíso...*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2. edição. Recife: FJM, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE, Juan C. D. de. Vida e obra de Euclides da Cunha. Artigos. **A gênese da sociologia euclidiana: Primeiro escritos (1874-1887)**. Disponível em <http://www.euclides.site.br>. Acesso em: 15/08/2006.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

Del Rio, Vicente e Oliveira, Lúcia de. Organizadores. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal São Carlos, 1996.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.